



## NARRATIVAS DA FICÇÃO - PERSPECTIVAS DA CULTURA

Isis Parise Silva\*

\* Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)

e-mail: isis\_parise@hotmail.com

No seu livro mais recente, *A ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política* (2020), Vera Lúcia Follain de Figueiredo, professora associada da PUC-Rio e pesquisadora com ênfase em Literatura Brasileira e Literatura Comparada, nos apresenta um conjunto de 13 textos que aludem à dinâmica das manifestações humanas por meio da arte; às formas como representamos nossas perspectivas sobre a existência, a vida, o passado e o futuro, em relação atual e nunca afastada das expectativas de mercado.

O livro apresenta um abundante conjunto de debates a respeito da estética e do mercado da arte (ou da arte como mercado) em nosso tempo e por nosso tempo. A definição espaço-temporal da obra alcança um espectro amplo, desde obras cinematográficas recentes até realizações da passagem e início do século XX.

Apresento nesta resenha os apontamentos e as reflexões que mais se sobressaíram na minha experiência de leitura e articulo uma associação temática entre os textos reunidos pela autora.

No texto *Arte, mercado e estetização do cotidiano*, Figueiredo traça um perfil histórico da arte no final do século XIX e suas principais transformações ao longo do século XX. Ela apresenta alguns dos termos que irão permear o desenvolvimento da estética da arte durante o século, instruindo o leitor a respeito de aspectos sociais e mercadológicos que vão ultrapassar a concepção de arte como manifestação divina - e do divino.



O caminhar histórico não é um contexto à parte, pois ao longo de suas explicações ela se refere a autores do período e dialoga sobre o papel de suas produções no campo da arte enquanto mercadoria. Isso fica bem ilustrado quando cita artistas como Marcel Duchamp e Andy Warhol, que tiveram como princípio desobstruir o caminho da arte, que se encontrava fortemente fechada entre o museu e a mercadoria.

A partir desse contexto, fica interessante tematizar *O mal-estar da crítica: estética do uso e diluição das esferas de competência*, no qual a autora irá discutir como a abrangência do campo da arte contemporânea confunde-se e ultrapassa fronteiras da própria definição do que é ou não considerado como arte, fortalecendo a existência da crítica na Modernidade como “mediadora, encarregando-se de garantir a comunicabilidade da experiência estética segundo determinados padrões, em tensão com a tendência também moderna de subjetivação do gosto” (FIGUEIREDO, 2020, p.122-123). Portanto, a “crise da crítica” resulta de uma arte que se infiltra em meios da cultura antes considerados menores e de forte apelo popular, que supostamente não necessitariam de uma atenção especializada.

Em *Intersecção dos campos artísticos na cultura multimídia: literatura expandida e escrita cinematográfica*, Figueiredo irá explorar as dimensões e os possíveis limites da literatura enquanto arte do livro, levando em consideração que nas últimas décadas, principalmente com o avanço tecnológico, essas fronteiras têm sido cada vez mais alargadas, transgredidas. Comenta a respeito das artes que também têm dialogado com outras mídias, além da sua formatação original, como: cinema, vídeo, fotografia, performance, em uma série de recortes e remodelações permitidas pelas redes sociais.

A autora cita a publicação virtual *Delegado Tobias*, de Ricardo Lísias, na qual os leitores puderam especular sobre a veracidade do enredo ao longo do lançamento de cada capítulo, tendo o corpo editorial utilizado as redes sociais como meio de comoção. Em vista disso, observa-se um avanço nas próprias fronteiras da ficção, misturando-se com a vida.

Longe de ser uma novidade, em Darnton (1986) conhecemos algumas das reações efusivas dos leitores do filósofo Jean-Jacques Rousseau, completamente envolvidos pelas missivas de seu romance *La Nouvelle Héloïse*, que lhe indagavam a veracidade de tal escrita ficcional: “muitas pessoas que leram o seu livro e o discutiram comigo garantem que é apenas uma inteligente invenção sua. Não posso acreditar nisto [...]” (Carta de Mme Du Verger. DARNTON, 1986, p. 314).



A ficção narrativa também se apresenta como meio para solidificar valores e sensibilidades de uma época e no artigo *Fábulas da vida obscura: imagens técnicas e anonimato* a autora explora a estetização da política na primeira metade do século XX, que tinha por finalidade educar a massa moldável de anônimos que se aglomeravam nas cidades e não faziam parte da burguesia, mas que também não se configuravam como personalidades indesejáveis.

O crescimento urbano no início do século XX aumentou o medo desse outro, desse desconhecido, e a ficção literária passou a exercer papel decisivo nesse movimento. Essa literatura realista ajuda a tranquilizar a burguesia, porque vai descrever quem são essas pessoas, antes consideradas invisíveis. E de certa forma, criará os estereótipos da classe urbana obscura, dizendo quem são “os maus” e como se comportam.

A autora não aborda diretamente essa questão, mas pode-se compreender que nessa separação entre “o bom” e “o mau” há uma estética do racismo e do preconceito na sua forma mais sutilmente refinada. Isso fica mais evidente nos textos *O intelectual e a partilha do espaço urbano na ficção cinematográfica*, e em *Fronteiras físicas e simbólicas: cosmopolitismo e cidadania global*. Neste último, ela discorre sobre como esse mundo “sem fronteiras” tem construído cada vez mais muros para imigrantes, migrantes, refugiados e figuras empobrecidas pelo sistema do mercado global. São pessoas que não encontram em suas terras meios de sobreviver e descobrem-se vítimas da mais surda violência simbólica ao migrarem para locais nos quais são igualmente indesejados ou vistos como ameaça.

O texto final, *Cotidiano e anonimato nas cidades: a enunciação peregrina de Rubem Fonseca*, surpreende pela capacidade elucidativa e conexa com todos os demais, sem deixar de ter ele mesmo profunda originalidade temática. Acredito que isso só é possível porque as reflexões anteriores sabem explorar com cuidado as teorias colocadas para conhecimento de seu leitor.

Figueiredo focaliza o movimento dos personagens de Rubem Fonseca - um movimento dentro da cidade - onde as histórias são sobre a cidade, sem uma grade de valoração moral ou religiosa, são apenas pessoas que vivem na cidade, que se deslocam por ela, que supostamente a veem de maneira diferente dos demais, ou às veem como todos os outros. “Literatura e cidade estão, desse modo, intrinsecamente ligadas, assim como ler e caminhar” (FIGUEIREDO, 2020, p. 225), pois caminhar pela cidade é ler a cidade.



O texto encerra o corpo do livro e a narrativa de si, revelando que a contradição da cultura se caracteriza como vasto terreno de busca da verdade, da representação, do sensível, construído com o outro e nunca fixo. "A verdade, como as cidades, está sempre se deslocalizando, descentralizando-se" (FIGUEIREDO, 2020, p. 237).

Dentre alguns dos referenciais citados pela autora estão: os filósofos Jacques Rancière, Arthur Danto e Hannah Arendt. Ainda, François Jost, Walter Benjamin, Theodor Adorno; Roger Chartier; Pierre Bourdieu e outros teóricos da história, da arte e da estética.

A construção dos textos e suas citações são tão convenientemente bem elaboradas que os artigos se colocam como rico acervo de indicações literárias e cinematográficas para quem tem interesse em se aprofundar no campo da arte como crítico ou como espectador consciente.

Porém, apesar do enriquecimento intelectual proporcionado pelos textos e discussões preconizadas pela autora, este não é um livro para leigos; ele pode ser indicado para curiosos fortemente dedicados ou para pesquisadores interessados em aprofundamentos filosóficos sobre as representações da arte na cultura contemporânea em suas mais diversas dimensões: no teatro, no cinema, na literatura ou nos caminhos digitais.

*Ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política* lembra que todas as manifestações humanas perpassam o viver coletivo na cultura. A linguagem nos permitiu sermos constantemente narrados por nós mesmos, em um cotidiano abraçado por políticas da existência, muitas vezes banal, sempre contraditório e profundamente provocador.

## Referências

DARNTON, Robert. **O grande massacre de gatos**, e outros episódios da história cultural francesa. Tradução de Sonia Coutinho. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FIGUEIREDO, Vera Lúcia Follain. **A ficção equilibrista: narrativa, cotidiano e política**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Belo Horizonte, MG: Relicário, 2020.

